

REFLEXOS DA CRISE: Ex-ministro Mailson da Nóbrega diz que pacote vai provocar a volta da inflação e aumentar a sonegação

Economistas: medidas podem provocar recessão

Raul Velloso, especialista em finanças públicas, afirma que o ajuste reduzirá o déficit comercial e acalmará os investidores

Roberto Machado, Luciana Anselmo, Geraldo Magella e Lucinda Pinto

• RIO e SÃO PAULO. Os economistas estão divididos em relação ao pacote fiscal com 40 medidas que o Governo vai anunciar hoje. O ex-ministro Mailson da Nóbrega diz que o objetivo é acalmar o mercado e que o futuro do Real ficará comprometido. Já o especialista em finanças públicas Raul Velloso afirma que o ajuste vai reduzir drasticamente o déficit comercial e "tirar o país da UTI em que estava desde o início da crise na Ásia". Mas há consenso em dois pontos: o nível de atividade econômica cairá e a taxa de desemprego vai subir.

— A redução da atividade econômica será inevitável, mas as medidas que o Governo pretende adotar são a contrapartida necessária ao aumento dos juros. O pacote será duro, até porque o presidente já disse isso e essa é a expectativa do mercado, mas, em compensação, o déficit comercial vai cair rápido — afirma Velloso.

Ele acrescenta que o pacote fiscal vai produzir efeitos saneadores sobre a balança comercial e tranquilizar os investidores:

— O déficit da balança é o nó da economia brasileira e o ajuste fiscal é uma resposta aos investidores que acreditavam que o país resolveria o problema através do câmbio, desvalorizando o real.

Mailson diz que pacote provocará mais sonegação

Já para o consultor Mailson da Nóbrega (ministro da Fazenda no Governo Sarney), as medidas econômicas são apenas paliativos com a função de acalmar o mercado. Segundo ele, o aumento de impostos, como o IPI e a CPMF, vai comprometer o Real:

— O pacote do Governo tem apenas medidas de curto prazo. Se esses aumentos de impostos realmente se concretizarem, o que vai acontecer é um crescimento da inflação e um aumento do potencial de sonegação.

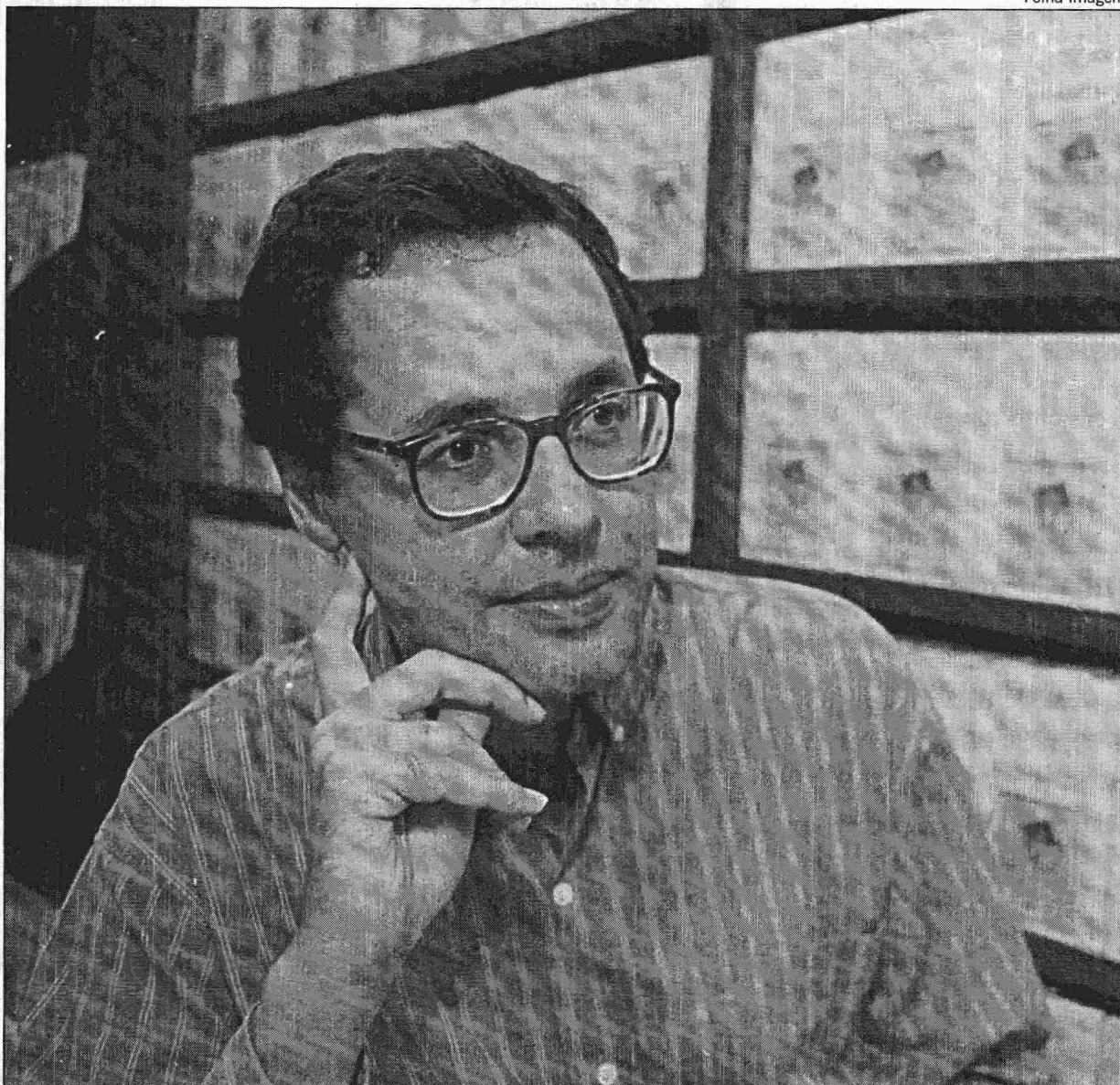
De acordo com o ex-ministro, o aumento do IPI é um instrumento ineficiente para aumentar a receita porque apenas 35% da arrecadação vão para o caixa do Governo. Já o reajuste nas alíquotas da CPMF, segundo ele, vai resultar em evasão de divisas.

— Quando você aumenta um imposto em 25%, a arrecadação não cresce na mesma proporção. O aumento da CPMF vai tornar muitas operações inviáveis e reduzirá a massa financeira sobre a arrecadação. Essa é uma forma de exportar mais um pedaço das operações das bolsas de valores brasileiras para a Bolsa de Nova York — afirma Mailson.

O professor da USP Eduardo Gianneti da Fonseca concorda o ex-ministro. Segundo ele, apenas as reformas previdenciária e tributária seriam capazes de organizar as contas do país:

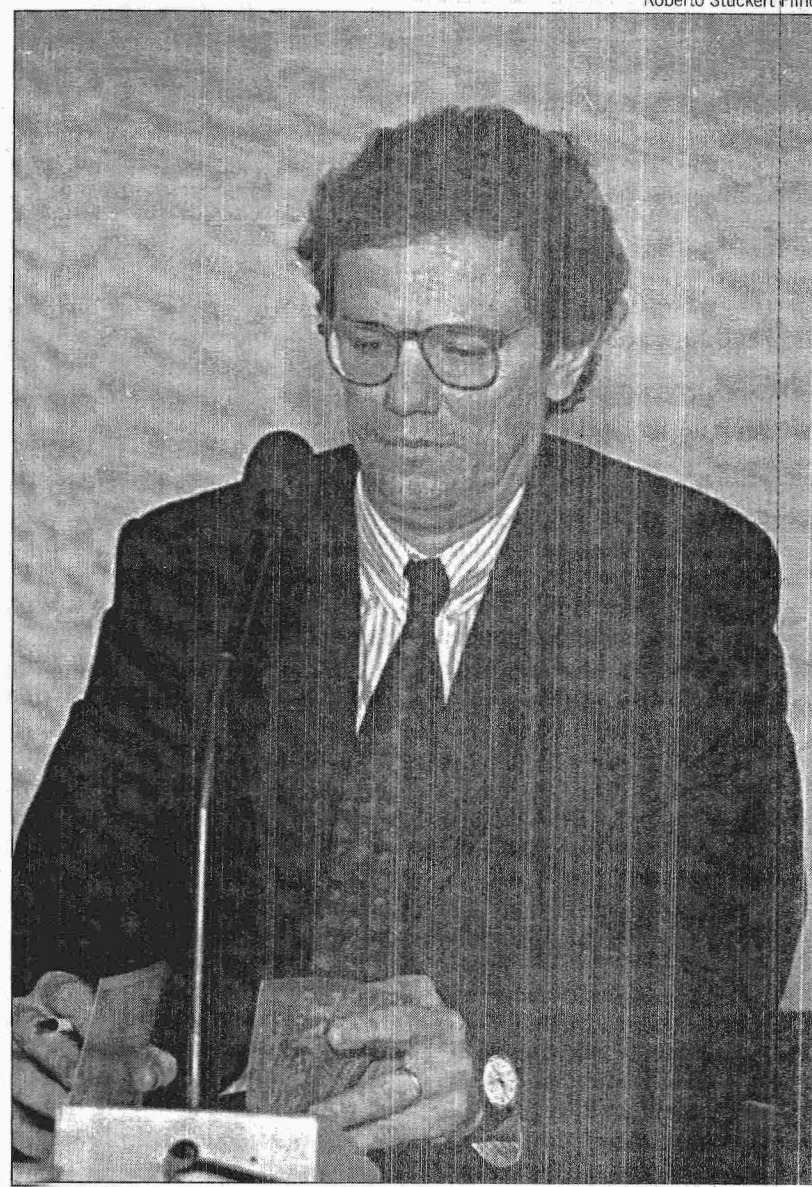
— O resultado será praticamente nulo. O que o Governo ganha de um lado com aumento de impostos e alta de juros, perde do outro com a diminuição da arrecadação — diz Fonseca.

O professor da PUC do Rio José



EDUARDO GIANNETI, da USP: "O que o Governo ganhará com o aumento dos impostos perderá com a arrecadação"

Folha Imagem



Roberto Stuckert Filho

PAULO NOGUEIRA, da FGV-SP: "A inflação não volta por causa dos juros"

mentar. É um ajuste recessivo. Menor crescimento vai provocar redução das importações e por aí o Governo vai tentar reduzir o déficit em conta corrente.

Cláudio Contador, economista da UFRJ, concorda com Braga e acrescenta que a economia do país está mais frágil do que o Governo anuncia:

— Essas medidas visam apenas ganhar tempo. A economia, ao contrário do que o Governo afirma, está muito fragilizada. Não fizemos as reformas necessárias quando deveríamos ter feito.

Governo deveria reduzir impostos, diz professor da UFRJ

Segundo Contador, o Governo deveria adotar a estratégia inversa e reduzir os impostos:

— A pior das medidas é o aumento da CPMF, que vai reduzir a competitividade dos produtos brasileiros no exterior. Deveríamos diminuir impostos e reduzir o custo Brasil.

Segundo o economista Luiz Roberto Cunha, da PUC do Rio, o Governo mostrou que a meta é preservar a estabilidade da moeda. Segundo ele, toda a sociedade será afetada: os políticos por causa dos cortes no orçamento, os funcionários públicos pelas possíveis demissões e a sociedade pelo aumento do IPI.

— O mais importante é evitar ao máximo mexer no câmbio. O Plano Cruzado foi para o espaço porque não foram tomadas medidas fiscais duras — opina o economista. ■

• PRESIDENTE ABRE MÃO DA AJUDA DO BANCO MUNDIAL na página 22

Márcio Camargo, considerado um economista independente em relação ao Governo e à oposição, diz que a equipe econômica não tinha mais alternativas para enfrentar a crise.

— O Governo está agindo para salvar a estabilização. Esse conjunto de medidas (alta de juros e pacote fiscal) é a saída menos custosa para o equilíbrio.

Camargo não tem dúvidas quanto aos efeitos colaterais: haverá crescimento da taxa de desemprego e diminuição da ati-

vidade econômica do país.

— O custo social será altíssimo, mas é preciso dizer que o Governo teve coragem. O calendário eleitoral ficou em segundo plano. Eles nem têm tempo para pensar nisso agora — diz ele.

Esta, no entanto, não é a opinião de Reinaldo Gonçalves, vice-presidente do Conselho Regional de Economia e professor da UFRJ. Ele acredita que o Governo vai tentar conciliar os ajustes com o calendário eleitoral:

— O arrocho deve durar de

quatro a seis meses. Nesse período teremos recessão dura. Mas a partir de maio o Governo vai querer recuperar a atividade, para não enfrentar eleições com forte recessão. Há uma lógica por trás do pacote: fazer caixa agora e liberar depois, perto das eleições.

Paulo Nogueira, economista da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e crítico da equipe econômica, não acredita num retorno da inflação:

— A inflação não volta, por conta do choque dos juros e do

aperto na economia. O aumento do IPI sobre cigarros e bebidas será absorvido, já que a economia não está tão indexada quanto no passado — afirma Nogueira.

José Carlos de Souza Braga, economista da Unicamp, afirma que o setor produtivo será o maior perdedor com o ajuste que o Governo anuncia hoje:

— As empresas serão bastante afetadas. O cenário já estava ruim, com alta dos juros e restrição de crédito. Agora, o custo financeiro das empresas vai au-